

CARLOS GOMES, O ESQUECIDO.

Celso Maria de Mello Pupo.

Falar aqui entre vós, não é só honra, não é só elevação, não é só grande orgulho para o menor dos vossos amigos; ainda é um imenso prazer neste convívio cordial; ainda é o meio de assegurar-vos a minha sensibilidade pelo vosso convite que me soergue da minha pequenez, e que, pela vossa amizade, me impele a ocupar tão preciosa atenção, com a pobreza dos meus dizeres.

Se de história devo ocupar-me hoje, como sugeriu a vossa presidência, permitam-me voltar a cento e trinta anos passados, para relembrar Campinas, vila modesta de casas baixas, que se media com o primeiro sol na rua de Baixo, até o traçado onde se estenderia, mais tarde, a rua das Flores já iniciada nas taipas posteriores da construção da Matriz Nova; e da rua do Picador à rua das Campinas Velhas, rua que se chamaria de São Carlos como, então, já chamavam a vila criada em 1797.

Campinas já era rica; seus engenhos ou fábricas de fazer açúcar, já se haviam multiplicado multiplicando as fortunas particulares; já era ativo o seu comércio exportador e se formara o centro comercial indispensável à vida das propriedades agrícolas poderosas e populosas de braço escravo numeroso. As casas urbanas simples, pois os ricos as tinham para assistir as festas religiosas, estendiam seus grandes quintaes, vedados alguns, e outros em comum com os vizinhos para economia de fechos.

Uma casinha de porta e janela, na rua da Matriz Nova, depois Regente Feijó, bem próxima à rua da Cadeia, depois Bernardino de Campos, foi escolhida por Maneco Músico para agasalhar seus filhos de segunda união. Nela nasceu quem se chamou Antônio Carlos Gomes, o menino pobre que seria aqui o que não muitas terras possuem: luminar que risca indelevelmente a existência humana.

Campinas que mal completara sessenta e dois anos desde sua fundação em 1774, se tornava o berço de um gênio que lhe eternizaria o nome no mundo das harmonias celestiaes da música, nas quaes se embalam em êxtase, os que tem ouvidos para ouvir e sensibilidade

rebate viril, congregando num só e inspirado canto os anseios dispersos da mocidade".

Desta época, como diz seu historiador acima citado, é "aquela modinha suavíssima, intitulada Quem Sabe, conhecida no Brasil inteiro pelas suas primeiras palavras: Tão longe de mim distante....". Estava iniciado o futuro brilhante que aspirava o jovem de Campinas, a cidade que se projetaria no mundo da arte pelo talento de Carlos Gomes.

Mas, Carlos Gomes iniciava; e destas primeiras tentativas, alçou seu primeiro vôo dirigindo-se ao Rio de Janeiro, onde se foi aperfeiçoar. Dos trabalhos de seu centenário, vejamos Carlos Stevenson e Odécio de Camargo, seus biógrafos; de notícias mais atuais e constantes, veja-se o maior e mais profundo conhecedor da vida de Carlos Gomes, o historiador artista José de Castro Mendes: Com dois anos de estudo na Córte, embevecido com a música florentina que nos deu a ópera, o "feitiço sob forma de música", a "harmonia de todas as artes", "festa dos olhos, dos ouvidos e da alma", o músico campineiro escreveu sua primeira obra lírica, a "Noite de Castelo", que cantada em 1861, foi ousadia e sucesso pleno, pois, "ao terminar cada ato, era Carlos Gomes chamado ao procênio, vitoriado e brindado com corôas e flores; no fim do espetáculo o entusiasmo quasi tocou às raias do delírio".

Dois anos depois, cantava-se sua segunda ópera, "Joana de Flandres", "obra de larga envergadura artística", com sucesso que sobrepujou o primeiro. Registre-se, em seguida, seu aprendizado em Milão, onde se fixara graças a Dom Pedro Segundo.

O menino que nasceu na rua da Matriz Nova, que tocava ferrinho em Campinas, se agigantava como maestro compositor na Itália a terra da arte, a terra que, só no século passado, tinha compositores que se chamavam Cherubini, Spontini, Rossini, Bellini, Donizetti, Verdi, Ponchielli, Boito, Leonecavallo, Puccini, Mascagni, e tantos outros que chegaram até aos nossos parques conhecimentos de música; foi aí que o nome de Campinas se converteu da obscuridade de vila desconhecida, em pátria de gênio, em terra gloriosa que ofereceu ao mundo as fulgurações de um talento de exaltação inspirada e soberba; foi aí, em 1870, que Campinas nasceu para a glória.

Então, culminou a elevação de Carlos Gomes; a primeira do Guarani no Scalla de Milão, foi uma repetição de triunfos, um ~~exp~~ esplodir de delírios, um trevejar de entusiasmos na chuva torrencial

de aplausos que mereceu o maestro da Campinas. Dêste evento, cada habitante de Campinas deve guardar em seu coração e em sua memória, duas frases que foram bronzes eternizando Carlos Gomes: a do seu professor Lauro Rossi, e a de Giuseppe Verdi, o nosso tão conhecido Verdi do Rigoletto, do Trovador, da Traviata, das Vésperas Sicilianas, do Baile de Máscaras, da Força do Destino, da Aida, do Otello, que nas maravilhosas noites líricas do velho São Paulo, se tornou tão brasileiro, e que espantado com o talento campineiro, não conteve a exclamação espontânea que revelou o seu juízo: "questo giovane comincia, la dove finisco io".

Campinas de hoje mantém para seu grande filho, um monumento túmulo; gravou o seu nome numa praça, num estabelecimento de ensino e num teatro, e anualmente dedica-lhe uma semana de ~~homenagens~~ homenagens. Estará, com isto, esquecido Carlos Gomes? Sim, está:

Uma glória universal, merece um cultivo cotidiano; não basta uma vez por ano lembrar a vida e a obra de Carlos Gomes; Campinas deve viver a música de seu filho imortal. A obra de Carlos Gomes é desconhecida na sua própria terra; conheçam a protofonia do Guarani, e, alguns mais, a alvorada do Escravo; e é só, generalisadamente. Que dizer da divulgação integral do Escravo, da Fosca, de Salvador Rosa, de Maria Tudor e da sua última ópera, o Condor? Que dizer do poema Colombo que muitos de Campinas até ignoram a existência? A quem cabe a culpa de tão grave esquecimento? Quem é responsável pela ignorância da população tratando-se das produções de Carlos Gomes?

Se a iniciativa particular já fez o que podia fazer, criando no Centro de Ciências, Letras e Artes o Museu de Carlos Gomes, graças a religiosidade da dedicação de José de Castro Mendes, cabe aos poderes públicos prolongar a obra particular: reimprimam-se as obras de Carlos Gomes; gravem-nas em discos para distribuição farta e facilitada; exijam-se as execuções de suas músicas por todos os processos de sonorização; divulguem-se as particularidades de sua obra, dos seus triunfos, de sua vida; alimente-se o entusiasmo da gente de Campinas, pelo conhecimento dêste seu inestimável tesouro artístico; ofereçam de tudo do grande campineiro, diariamente, insistentemente, aos habitantes de Campinas, aos seus visitantes, e aproveite-se isto até para motivo turístico, pois maior glória desta terra quando for visitada pela atração exercida com produções de Carlos Gomes. Faça-se repetida e permanentemente para êste glorioso campineiro.

nense, não uma semana de sete dias, mas uma semana de trezentos e sessenta e cinco dias. Quanta inveja nos causa a cidade de São José do Rio Pardo que, cada vez mais, alevanta o seu culto a Euclides da Cunha que nem mesmo é riopardense, mas fluminense e, em São José, apenas escreveu sua maior obra. +

Cabe aos poderes públicos destinar verbas necessárias à divulgação da obra de Carlos Gomes; esquecem-se os orçamentos das tres esferas governamentais, de amparar o cultivo da arte, da educação especializada, do engrandecimento do nosso valor artístico, o que se justificará apenas com a rememoração do que foi a estreia do Guarani aos 19 de março de 1870, na Itália, quando se vivia a intensa vida operística, tão brilhante e triunfadora no iníciar do século dezanove, e elevada magistralmente pelo gênio imortal de Giuseppe Verdi, tão nosso como tão popular e apreciado compositor.

Nesta noite em Milão, quem transpando o átrio e penetrasse o famoso teatro Scalla, desvendaria uma suntuosa sala de espetáculos, no esplendor de uma iluminação luxuriante derramada de grandioso e rico lustre central e dos candelabros que se fixavam lateralmente e pelo fundo circular do teatro. Além da plateia, seis ordens de localidades sobrepostas até grande altura, completavam a grandeza do famoso ambiente, literalmente lotado por gente que nasce musicista e que ali viera para ouvir o desconhecido maestro de Campinas.

E é nesta multidão de artistas natos, que se inicia o primeiro ato do Guarani. Desde a originalidade de sua abertura, ao embalo doce de sua harmonia, na pujança e na sua riqueza, nos coros e duetos, ouvindo-se a doce Cecília na magia do seu "gentil di cuore", na unção da "Ave Maria" ou caminhando para o apogeu do dueto com Peri de pronto dominador com o "sento una forza indomita", até a permuta do "mio dolce amor" e "mio salvador" com indizível sentimento, a audição é atenta e silenciosa.

Mas, terminado o ato, estrugem os aplausos frenéticos e Carlos Gomes é chamado sete vezes à cena. Façamos ideia do grandioso e histórico teatro milanês, repleto de gente afeita às grande obras musicas, das melhores do mundo, chamando sete vezes ao palco, só no primeiro ato, o moreno e jovem maestro de Campinas, um moço da terra desconhecida de além Atlântico que arrestava uma plateia da melhor cultura musical, que se media com os maiores compositores da época, obumbrando-lhes a glória com a sua própria, nas-

cida dos acordes selvagens de um Guarani excelso.

Segundo e terceiro atos transcorridos no mesmo ambiente de confirmação vitoriosa, "o quarto ato foi ouvido religiosamente" diz o seu biógrafo, ouvido no mais atento silêncio, sem "um murmúrio da plateia, nem um respiro, nem um gesto", como se aquela multidão, maravilhada pelo que já ouvira, bebesse extasiada as notas da música e as deliciasse concentrando-se, emudecendo-se, absorvendo-se, para ter só a faculdade auditiva e assenhorear-se absoluta e integralmente, nota por nota, da música de Campinas!

"Quando caiu o pano, o delírio apossou-se de todos. Maestro, cenógrafos, artistas, comparsas, vieram à cena, durante a saudação pública perto de meia hora". - "Durante a saudação pública perto de meia hora" ! -

Meditemos, figuremos, meia hora de aplausos, no mais celebrizado teatro do mundo, na mais intensa vida operística da época, e nos deixemos empolgar por um entusiasmo que nos faça repetir diariamente, insistentemente, a vida, a luta, as dores, os triunfos e a glória de Carlos Gomes !

Alocução no Lions Clube de
Campinas - Centro, em 13 de
setembro de 1965.